

**Sexo, gêneros e mulher na televisão:
uma perspectiva simbólica**

*Sex, genders, and woman on television:
a symbolic perspective*

Sue GOTARDO¹
Cristiane FINGER²

Resumo

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre as categorias Sexo, Gênero e Mulher no fluxo televisivo (WILLIAMS, 2016), a partir dos estudos do imaginário. Utiliza, como proposta metodológica, a Análise Discursiva de Imaginários, proposta por Silva (2019), para investigar um *corpus* formado por um recorte da programação da Rede Globo, por meio do horário de maior audiência (KANTAR IBOPE MEDIA, 2022). Após este processo, o trabalho identificou movimentos em que os gêneros estão representados, mostrando que certos imaginários dinamizados invisibilizam algumas corporeidades.

Palavras-chave: Comunicação. Televisão. Gênero. Sexo. Mulher.

Abstract

This article aims to discuss the categories of Sex, Gender, and Women within the television flow (WILLIAMS, 2016), based on studies of the imaginary. It adopts the Imaginary Discourse Analysis methodology proposed by Silva (2019) to investigate a corpus derived from a selection of Rede Globo's programming during prime-time hours (KANTAR IBOPE MEDIA, 2022). Through this process, the study identified patterns in the representation of genders, revealing how certain imaginaries perpetuated in the media render some corporealities invisible.

Keywords: Communication. Television. Gender. Sex. Woman.

Introdução

A televisão está longe de ser uma tecnologia obsoleta. De acordo com o estudo divulgado pela Kantar Ibope Media (2022), TV aberta e por assinatura, juntas, somam

¹ Doutoranda em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
E-mail: suelen-gotardo@puers.edu.br

² Professora Doutora do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: cristiane.finger@puers.br

79% do tempo de consumo de mídia dentro de casa. Mattos (2010) lembra que o interesse do brasileiro pelo conteúdo televisivo vem crescendo gradativamente. Em 2001, a experiência ao assistir TV registrava 3h e 15 min. Em 2006, o tempo passou para 3h e 43min e, em 2021, de acordo com a pesquisa Kantar Ibope Media (2022), o tempo médio diário é de 5h e 37 min. Isso significa que a televisão possui, ainda, grande influência social.

Silva (2006) diz que a televisão é uma importante ferramenta do imaginário. Ela atua na propagação e na cristalização de sentidos, arranjos que, juntos, compõem a identidade social. Partindo deste pressuposto, a TV atua na formação de sentido e na perpetuação de valores, de regras e de identidades. Imagens veiculadas em seu conteúdo televisivo contribuem, portanto, com o processo de representação e significação.

No entanto, como uma importante Tecnologia do Imaginário (SILVA, 2006), a televisão propaga diariamente sentidos e representações que reforçam um padrão do que é ser homem ou mulher. A célebre frase da ativista negra Marian Wright Edelman³ - *não podemos ser aquilo que não podemos ver* - permite refletir sobre a consciência *de sujeito* que é cristalizada pelas mídias. Apesar de se referir à consciência da negritude que não se enxergava nas telas, sua voz ecoa em outras periferias, cujos corpos são atravessados por condições que tornam suas vidas mais ou menos humanas.

Este trabalho é uma aproximação com a tese em andamento, intitulada *Imaginários sobre as dissidências de gêneros no fluxo televisivo*, que investiga as corporeidades dissidentes no conteúdo sequencial. Para este artigo, iremos refletir sobre as noções de sexo, gêneros e mulher a partir da análise do recorte de duas horas contínuas de programação da TV Globo, das 20h30 às 22h30, durante cinco dias aleatórios, selecionados a partir da técnica da Semana Composta.

Para além de sexo e gênero

Ao longo do nosso processo em aula, discutimos sobre os limites das categorias sexo e gênero, como forma de erradicação da violência heteronormativa. A partir de Simone de Beauvoir (2009), uma das figuras centrais do início do movimento feminista do século XX, vimos contribuições profundas para o entendimento da desigualdade de

³ Disponível em: <<https://medium.com/@sydneythomas/https-medium-com-sydneythomas-my-first-memor-7e82b81fa9a9>>. Acesso em: 15 out. 2023.

gênero. Em sua obra “O Segundo Sexo”, publicada em 1949, Beauvoir explorou as raízes históricas, sociais e culturais que perpetuam a opressão das mulheres ao redor do mundo.

Neste contexto de pós-guerra, a produção de saber, era, em geral, masculina. A frase “Você pensa assim porque é uma mulher” (2009, p. 16), traduz a lógica daquele momento. Beauvoir tensiona o campo intelectual europeu e discute sobre as desigualdades de gêneros. Ela argumentou que desde a infância, meninas e meninos são socializados de maneiras distintas, sendo ensinados a internalizar papéis de gênero que limitam suas possibilidades e perpetuam a subordinação feminina. Na mesma linha, Saffioti (2001) explica que é a masculinidade que controla estes papéis sociais atribuídos e ordenados através dos sexos: feminino e masculino.

O feminismo do século passado, em que Beauvoir (2009) está inserida, questiona o conceito de sujeito universal, isto é, uma crítica ao humanismo - que torna o homem europeu branco como centro de poder e do saber. No primeiro volume da sua obra, Beauvoir (2009) apresenta um panorama de como a mulher estava mantida neste lugar secundário. Ao longo dos anos, as pesquisas perceberam o limite da categoria gênero, sobretudo na sua relação com as construções sociais estabelecidas na sociedade. Segundo Saffioti (2001), a dominação do homem promove e impulsiona múltiplas expressões de violência em relação ao gênero.

Quando adentramos no universo butleriano, percebemos que o sexo e o gênero serão compreendidos para além das construções socioculturais, já que podem performar-se em corpos distintos. Judith Butler (2021) ressignifica os estudos de Beauvoir (2009) e nos provoca a questionar sobre as unidades de gênero e os limites da categoria mulher que, para ela, encontra engessada em uma matriz cisgênera e heteronormativa. Para a autora, “a unidade de gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2021, p. 67). Ela percebe o gênero como um dispositivo performativo, que se legitima discursivamente. Ou seja, se gênero pode ser discursivo, a sua construção acontece em corpos distintos. “Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias “expressões” tidas como resultado” (BUTLER, 2021, p. 56).

A sua visão pós-estruturalista influencia também os movimentos sociais que enxergam em sua teoria, sobretudo a *queer*⁴, uma proposta de desconstrução da matriz. A crítica ao sistema binário e a defesa pela diversidade de corpos é colocada como questão inicial para as compreensões de gênero. De fato, para conceituar gênero é preciso ir além da binariedade imposta pela noção biológica, ou seja, do abstrato modelo que construímos sobre o masculino e o feminino. Nesse sentido, a categoria gênero precisa ser reformulada, ou até mesmo, radicalizada.

Se a “identidade” é um *efeito* de práticas discursivas, em que medida a identidade de gênero - entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo - seria o efeito de uma prática reguladora que se pode identificar como heterossexualidade compulsória? Tal explicação não nos faria retornar a mais uma estrutura totalizante em que a heterossexualidade compulsória tomaria meramente o lugar do falocentrismo como causa monolítica da opressão de gênero? (BUTLER, 2021, p. 45).

Pensar sobre as fronteiras destas categorias nos permite identificar as fragilidades que são encobertas pela própria fundamentação da linguagem. “O conceito de gênero, conforme assinalam Rubin (1993), Scott (1995) e Saffioti (1999) faz essa distinção entre sexo e gênero, porém, a correlação não é rompida”, destaca Nascimento (2021, p. 94). Nesse sentido, a biologia permanece, ainda, categorizando a essência pré-discursiva dos corpos a partir dos sistemas binários. “Se a relação binária de dividir biologia e cultura é útil para explicar que a opressão é produzida socialmente e não é algo natural, tal binarismo mantém o sexo como uma verdade que determina os nossos corpos”, explica. (NASCIMENTO, 2021, p. 40). Portanto, o órgão genital ainda define as estruturas do gênero.

Sobre isso, Butler (2021, p. 26) diz que “levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos”. Isso significa que, na visão estruturalista, o pressuposto homem dar-se-ia apenas em corpos materializados masculinos, ao passo que a categoria mulher dar-se-ia apenas em corpos materializados femininos. Em outras palavras, o compasso das vidas vivíveis e inteligíveis ainda é ditado a partir do seu órgão sexual.

Gêneros “inteligíveis”, são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática

⁴ A *Teoria Queer*, na visão de Butler (2021), são todas as pessoas que não se enquadram na ordem heteronormativa da sociedade.

sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2021, p. 38)

Desse modo, as classificações envolvendo estes corpos deveriam, a rigor, se enquadrar em uma ou outra coisa. O que Butler (2021, p. 27) propõe é a superação desta compreensão: “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula”. Todavia, os sujeitos ainda são marcados, socialmente, pelo seu órgão genital. Em muitos documentos ainda é indicado F para feminino, aos corpos com vagina, e M para masculino, aos corpos com pênis. O órgão define também o nome de nascimento e todas as construções sociais associadas a ele.

O problema reside em retirar a centralidade do gênero para propor, como defende Butler (2021), um deslocamento para a compreensão de um padrão heteronormativo como noção social fundamental. “Como pode o mundo ser reorganizado de forma que esse conflito seja superado?” (BUTLER, 2022, p. 17). O termo gênero não pode contemplar apenas um sujeito universal abstrato, com propósitos imaginários já estabelecidos. Isso significa dizer também que não é possível falar sobre a violência de gênero para se referir exclusivamente à violência contra a mulher. Lutar pela democratização do corpo, de modo a incluir todas as instâncias das dissidências é um exemplo da ruptura com os padrões tradicionais e universais, uma vez que, toda manifestação perversa presente na matriz cis-heteropatriarcal capitalista é decorrente não somente do heterossexualismo compulsório, mas também da exclusão da sexualidade.

Mulher: um termo que subverte as mulheridades

O que significa, de fato, ser mulher? Quais corpos são efetivamente representados por tal categoria? Quando a mídia divulga os índices de violência, geralmente utiliza critérios absolutos para se referir às mulheres e critérios específicos para falar sobre mulheres **negras**, mulheres **lésbicas** ou mulheres **trans**. Nesta perspectiva, apenas as mulheres brancas, cisgêneras e heterossexuais correspondem à categoria mulher. “O termo mulher figura então como um termo universal para as mulheres brancas,

heterossexuais e cisgêneras, sem deficiências e geralmente magra” (KASS, 2015, p. 295). As mulheridades incluídas nos aspectos dissidentes possuem outras experiências, seja pela raça, identidade, sexualidade ou construção social.

Essa noção começa a ser percebida em meados do século XX, com a exploração sobre as noções envolvendo a discussão sobre os gêneros. Betty Friedan (1971), por exemplo, explorou o tema da independência feminina, falando de e para um grupo exclusivo de mulheres, invisibilizando outras corporeidades.

É urgente entender como a condição de dona de casa pode criar na mulher um sentimento de vazio, de não existência, de nulidade. Existem aspectos nesse papel que tornam quase impossível para uma mulher intelectualmente adulta preservar um senso de identidade humana, aquele núcleo chamado de 'si-mesmo', sem o qual um ser humano não está verdadeiramente vivo. Para as mulheres dotadas de alguma habilidade na América de hoje, estou convencida de que existe algo na condição de esposa e dona de casa que é em si mesmo perigoso (FRIEDAN, 1971, p. 40).

Ou seja, a condição sugerida pela autora perpetua **uma** imagem de mulher. Conforme aponta Hooks (2021, p. 28), “ela fez de seu drama e do drama de mulheres brancas como ela o sinônimo da condição de todas as mulheres da América. Com isso, disfarçou suas atitudes classistas, racistas e sexistas em relação à população feminina da América”. Esse conjunto de lutas e movimentos políticos que reivindicam a igualdade da vivência humana, conhecido por feminismo, foi influenciado pelas dinâmicas estruturais da sociedade. Excludente, manifestou por muito tempo a voz de uma parcela de mulheres, silenciando, ao mesmo tempo, outros corpos que sofriam a opressão dessas dissidências. “Se para Simone de Beauvoir, a mulher é o *Outro* por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba, a mulher negra é o *Outro do Outro*, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade” (RIBEIRO, 2021, p. 37, grifo da autora).

Assim como Hooks (2021), a proposta da nomeação mulheridades (NASCIMENTO, 2021) acolhe outras corporalidades, materialidades e performatividades, que por muito tempo ficaram descoladas do sistema homogêneo. “*Outsiders* do CISTema sexo-gênero-desejo”, destaca Nascimento (2021, p. 53, grifo da autora). A exclusão destes corpos, pelo motivo do não enquadramento à matriz hegemônica, expõe a relevância de uma reformulação urgente do feminismo.

Compreender que nem sexo e nem gênero fazem parte do processo biológico, é o ponto de partida para superar os resquícios de uma sociedade estruturalista. Pensar no

pós-gênero em suas formas discursivas distintas, significa abrigar diferentes experiências. É o que sustenta Nascimento (2021, p. 41): “Nossos corpos se materializam em formas diversas de feminilidades”, dada a especificidade e contexto de cada realidade.

O processo simbólico na TV

No século XXI, todas as Tecnologias do Imaginário se interseccionam, interferindo na reprodução e criação de processos simbólicos. Contudo, isso não significa que uma substitui a outra. É possível identificar os espaços de cada meio, a sua importância e como elas se comportam no processo mental do indivíduo. A TV, por exemplo, age na produção de sentido e na reprodução de imaginários.

Em Ferrés (1998), aprendemos sobre a potência das comunicações despercebidas. Para ele, a TV é um dos maiores instrumentos sociais. “Nenhum outro meio de comunicação na história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, e nenhum havia demonstrado um poder de fascinação e de penetração tão grande” (FERRÉS, 1998, p. 13). Nossa pesquisa elege, então, a televisão como objeto de estudo, uma vez que ela atua como uma das tecnologias que interferem diretamente na produção de imaginários, isto é, como meio, de caráter informativo, artístico ou de entretenimento, e pode ser classificada como uma tecnologia poluente (SILVA, 2006).

Para desvelarmos os imaginários presentes no fluxo televisivo (WILLIAMS, 2016), iremos utilizar um operador metodológico que atende a necessidade de uma análise qualitativa, na ordem do sensível, ou seja, a Análise Discursiva de Imaginários (SILVA, 2019). Entendemos que o processo simbólico presente na construção do conteúdo televisivo é formado inteiramente por imaginários. Desse modo, a Análise Discursiva de Imaginários (ADI) possibilita o desvelamento desses discursos imperceptíveis.

A análise do fluxo televisivo deve ser realizada a partir da sequência da programação e não por unidades separadas, explica Williams (2016). O imaginário, nesse sentido, reside neste processo sequencial, ou seja, na sistemática desencadeada pela dinâmica social que acontece na experiência ao assistir à televisão. Para o autor, a televisão não é apenas como uma tecnologia, mas um reproduzidor cultural que opera na formação de sentidos. A primeira etapa é a Análise Panorâmica de Sequência, que compreende olhar para o fluxo geral e entender o que compõem a programação. Após destrinchar os componentes do fluxo, usamos diários de análise para descrever as

interpretações sobre as corporeidades dissidentes presentes e onipresentes nesse fluxo sequencial. Inicialmente, apresentaremos a sequência neste primeiro material coletado.

Nos estudos de Williams (2016), ele descreve como o fluxo é organizado a partir de um planejamento, desde os comerciais entre os programas, até os oferecimentos, com o objetivo de impactar o telespectador. Partindo da premissa de que os três produtos que caracterizam o fluxo analisado são o telejornal, a telenovela e a publicidade, nos perguntamos como as corporeidades marcadas pelos gêneros são representadas em cada um destes contextos, na perspectiva do imaginário.

A emissora escolhida para análise é a hegemônica Rede Globo, fundada em 1965, seguindo a regra da maior audiência. O conteúdo também foi delimitado a partir do horário de maior audiência, ou seja, das 20h e 30min às 22h e 30min, conforme a Kantar Ibope Media (2022). A programação desse horário contemplou o telejornal de maior audiência no País, o Jornal Nacional, um capítulo da telenovela (na época da coleta era Terra e Paixão) e os respectivos comerciais. O fluxo televisivo que trazemos aqui, contempla a edição de 07 de agosto de 2023, um objeto que não corresponde ao *corpus* oficial da tese, mas que se trata de um exercício de análise.

Quadro 01 - Quadro de edições analisadas na tese

Meses	Proposta de aleatoriedade	Datas das edições
Agosto	Primeira segunda-feira	7/8/23
Setembro	Primeira terça-feira	5/9/23
Outubro	Primeira quarta-feira	4/10/23
Novembro	Primeira quinta-feira	2/11/23
Dezembro	Primeira sexta-feira	1/12/23

Fonte: A autora (2023)

A pesquisa contou com três etapas de desvendamento: coleta do material, análise das imagens e enquadramentos e a aplicação da metodologia. A coleta aconteceu por meio de gravações do conteúdo exibido na TV, armazenado parte em um HD e parte acessado via Globoplay. Além disso, utilizamos o recurso de diários de decupagem para cada elemento da sequência de programação. A seguir, mostraremos o processo de formação de imaginários que modelam a matriz cis-heteronormativa patriarcal nos conteúdos observados.

A formação dos imaginários

Como o objetivo é analisar somente a perspectiva de gêneros, a primeira impressão que temos é identificar que as pessoas na posição de repórter são, majoritariamente, brancas. A Roleta Interseccional (Carrera, 2021), nos mostra, portanto, a fragilidade da diversidade racial neste produto televisivo, sobretudo nesta função. Com base nos estudos de Carrera (2021, p. 12) questionamos: “[...] de que forma essa categoria deixa rastros na materialidade comunicacional?”.

Figura 01 - Repórteres mulheres da edição do JN de 07/08/23



Fonte: A autora (2023), a partir da edição do JN.

Um estudo realizado pela pesquisadora Mariana Argoud Dias, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁵, sobre a aparência de repórteres e âncoras de programas jornalísticos da Record, do SBT, da Band e da Globo, identificou a padronização na cor de pele, cor e textura do cabelo, idade, maquiagem e figurino⁶. Das profissionais, 92% eram brancas; 62,5% magras; 84% tinham cabelo liso; e 64% não possuíam rugas⁷, um

⁵ Trabalho disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246465>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

⁶ “A mudança é lenta porque as pessoas dão maior credibilidade a um padrão já conhecido na televisão, e o telejornalismo reproduz o que já é visto. A muito custo, com o trabalho de movimentos sociais, isso vem mudando. A quebra da padronização dos veículos de imprensa causa desconforto na população por ela estar acostumada com um cenário, e, quando ele muda, causa impacto”, destaca a pesquisadora Mariana Argoud Dias. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ciencia/analise-do-padroao-estetico-feminino-no-telejornalismo-escancara-falta-de-representatividade/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

resultado muito similar ao nosso. “Parece que, ainda hoje, ser feminina e ser profissional competente num ambiente tipicamente masculino não são características que possam andar juntas e depõem contra o trabalho da mulher” (AQUINO, 2011, p. 116).

A análise simbólica nos permite perceber traços de exclusão que não envolvem somente a questão de gêneros, mas também as discussões sobre raça e etarismo, uma vez que as imagens reforçam um padrão para as mulheres que fazem parte de programas de notícias. Para demonstrar seriedade, por exemplo, as mulheres precisam esconder as suas próprias feminilidades. Bueno (2020, p. 123) comenta que “[...] é a partir da mídia que a objetificação da mulher negra como o outro da sociedade aprofunda seus contornos”. Sobre isso, ainda, a autora explica que “[...] esse fenômeno aparece especialmente com a definição do que é a beleza, fazendo que as mulheres negras recaiam na categoria “outros” quando se trata dos padrões ocidentais” (BUENO, 2020, p. 123).

Além da corporeidade, foi preciso pontuar as editorias das reportagens para investigar se o tema se relacionava diretamente com a corporeidade. Tivemos, portanto, 13 reportagens e as organizamos pelas seguintes editorias: economia, mundo, política, justiça, geral e esporte. Contudo, somente analisamos as reportagens que contavam com a materialização do corpo de uma repórter. Temos, assim, cinco mulheres nas editorias Geral, Justiça e Economia, enquanto os quatro homens ocupam as editorias Esporte, Geral, Justiça e Política.

Quadro 02 - Editorias

Repórteres	Temas
Júlio Mosquéra	Política
Jalíia Messias	Justiça
Luciano Abreu	Justiça
Renata Ribeiro	Economia
Marcelo Courrege	Esporte
Carlos De Lannoy	Geral
Mônica Teixeira	Geral
Malu Mazza	Geral
Líliia Teles	Geral

Fonte: A autora (2024)

⁷ Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ciencia/analise-do-padrao-estetico-feminino-no-telejornalismo-escancara-falta-de-representatividade/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Em todas as pesquisas que envolvem compreender e analisar imaginários, as imagens e os discursos são os principais fatores para se chegar a um ponto de partida. Se esse estudo fosse exclusivamente sobre a temática de gêneros, levando em consideração o pressuposto da binariedade, a equidade garantiria um resultado positivo, afinal, nesta edição, há mais mulheres socialmente identificadas do que homens socialmente identificados, na posição de repórteres. Todavia, este mesmo fator desvela traços de uma matriz de opressão, com imagens simbólicas discriminatórias, uma vez que todas elas são brancas e cisgêneras. Como reflete Bourdieu (2020), há uma divisão de corpos que reforça a dominação simbólica.

Desvelamos também o campo onde essas repórteres estão inseridas e percebemos que há maior frequência feminina em matérias onde o conteúdo é classificado como Geral, com temáticas que envolvem a educação e a cultura, por exemplo. Por outro lado, ao olharmos onde os repórteres socialmente identificados como masculinos estão inseridos, percebemos que há maior diversidade em seus campos temáticos. Além disso, identificamos que há a preferência por repórteres, cujo corpo é representado pela categoria simbólica universal do masculino, na editoria Esporte. Realizamos outros exercícios de análise⁸ e percebemos que esse padrão se mantém, especialmente quando o assunto é exclusivamente futebol. Portanto, entendemos que, por vezes, esse movimento pode se tornar uma predisposição e, portanto, uma expressão de violência simbólica.

Sobre a imagem simbólica dos apresentadores, que, nessa edição, foi comandada por William Bonner e Renata Vasconcellos, percebemos alguns movimentos que tecem a matriz da cis-heteronormatividade. A categoria homem, representada aqui por William Bonner, sustenta e retroalimenta a construção social de um imaginário masculino universal, a partir de elementos simbólicos que constituem a imagem do homem ou do masculino. Enquanto Bonner reproduz esse estereótipo social do que se tem como masculino, Vasconcellos se aproxima de um modelo típico das mulheres no telejornalismo: cabelo liso, solto, magra, pouca maquiagem, roupas largas e não muito coloridas, também pontuadas na pesquisa de Mariana Argoud Dias⁹. Sobre esta imagem simbólica que envolve as mulheridades, Carla Akotirene (2022), em uma publicação na

⁸ Ao longo do processo, foram realizados três exercícios de análise nos dias 6,7 e 15 de fevereiro de 2023, a partir da Análise Discursiva de Imaginários.

⁹ Trabalho disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246465>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

sua conta na sua rede social Instagram¹⁰, explica que as mulheres, muitas vezes, se distanciam de elementos que lembram e formam as suas feminilidades, com o objetivo de reproduzir uma imagem séria. Usam roupas formais que se aproximam de imagens simbólicas masculinas.

Figura 02 - Apresentadores da edição do JN de 07/08/23



Fonte: Captura de tela, a partir da edição do JN.

Vasconcellos, de certa forma, subverte a matriz de um imaginário social do que se associa ao feminino, com o objetivo de reproduzir e transmitir seriedade. Assim como a apresentadora, o mesmo se repete quando analisada a figura das repórteres, que seguem este mesmo padrão sobre as feminilidades. E assim, percebemos que o telejornalismo prioriza a representação simbólica de corpos masculinos, enquanto as mulheres precisam distanciar-se de suas feminilidades.

Na mesma linha, quando olhamos para a telenovela, percebemos que ela também reforça o padrão heteronormativo. Ainda que este produto televisivo atue com mais liberdade, já que seu conteúdo parte da ficção, ela funciona como mecanismo de reprodução de sentido. Lopes (2003, p. 17) explica que “[...] a telenovela no Brasil conquistou reconhecimento público como produto artístico e cultural e ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e a identidade do País”. Logo, a telenovela, assim como o telejornal, são ferramentas fundamentais desta importante Tecnologia do Imaginário, que é a televisão.

Terra e Paixão era a telenovela em exibição na época deste exercício. No capítulo correspondente ao dia de análise, 07 de agosto de 2023, percebemos alguns movimentos que reforçam a reprodução de sentido e marcam a corporeidade de gênero como gatilho

¹⁰ Publicação realizada no dia 12 de novembro de 2022, disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Ck4Fn9KJFuc/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>> Acesso: 13 nov. 2022.

de humor e comicidade, processo que dificulta o debate profícuo sobre a pauta. Um exemplo está em colocar a única pessoa trans em uma personagem cujas características são associadas à hipersexualização¹¹.

Neste capítulo ainda, o personagem Odilon aparece simulando uma cena de sequestro com a personagem Graciara (Natália Dal Moli). Ela, de costas, é abraçada por Odilon. A cena sugere que ele aproveita a ocasião para aproximar-se do corpo da mulher. Ela, por sua vez, não revida. Toda a narrativa é construída de forma jocosa, com elementos humorísticos, como ilustra a figura a seguir.

Figura 03 - *Takes* da cena de Odilon com Graciara



Fonte: A autora, a partir de captura de tela do capítulo de Terra e Paixão. (Globoplay).

Para além do machismo, é inevitável perceber o racismo estrutural que envolve a cena, já que a trama envolve o ator no estereótipo do típico malandro brasileiro (ARAÚJO, 2008). Sobre isso, Hooks (2021) explica que, para a pessoa negra, se ver em papéis subalternizados e opressores pode ser considerada uma expressão de violência. Portanto, o papel social, isto é, a reflexão sob determinada pauta, é ofuscada por meio da narrativa ficcional (que utiliza, em geral, o cômico) e dos papéis subalternos através de diferentes estereótipos e representações.

¹¹ Conforme a sinopse trazida pelo próprio site Gshow, temos as seguintes informações sobre a personagem Luana, vivida pela atriz Valéria Barcellos: *gerente do bar de Cândida (Susana Vieira), sonha em ser proprietária. É uma transexual. Gosta de fazer fofoca, mas é íntegra e generosa. Tem um amor secreto#.*

Quando analisamos os comerciais presentes neste fluxo televisivo, veiculados entre a edição do Jornal Nacional e o capítulo da telenovela Terra e Paixão, isto é, das 20h e 30min às 22h e 30min, temos outro movimento. Seguindo a premissa de Ferrés (1998), sobre os processos de sedução na televisão, a publicidade também atua na esfera da emoção. Ele explica que ela “joga com estratégias de tipo associativo, conferindo personalidades aos produtos” (p. 204).

Como exemplo, trouxemos o comercial do creme dental Oral-B. Como protagonista, temos um homem, branco, que apresenta o produto e contracena com mais dois personagens: outro homem branco e uma mulher negra, como demonstra a seguir.

Figura 04 - *Takes* do comercial da Oral-B



Fonte: A autora, a partir do comercial da Oral-B¹².

Não há uma relação expressiva entre os personagens e o foco se mantém no protagonista. Nesse caso, a imagem do homem branco retrata não somente o personagem principal, mas também é a figura que explica a eficiência do produto e seus aspectos tecnológicos, o detentor do saber. Além disso, se analisado o aspecto interseccional, a mulher negra permanece como coadjuvante, isto é, um corpo à parte. No fim do comercial, para retratar o benefício do produto, é exibida a imagem de uma mulher branca, sorrindo.

Por isso, ainda é muito comum elementos midiáticos associarem a imagem da mulher branca como sinônimo de saúde ou de beleza ideal. Notamos que a diversidade é

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=swwugfc9tIA>>. Acesso em: 14 out. 2023.

utilizada estritamente como recurso, ou seja, a corporeidade compõe o contexto, mas não mantém relação direta com o produto. Isso reforça a produção mental da imagem de mulher. “O motivo pelo qual realizamos essa imagem mental é justamente o mesmo que coloca essa categoria como hegemônica: nossas subjetividades estão capturadas pelos discursos dominantes do que é uma pessoa mais ou menos humana/padrão” (KASS, 2015, p. 295).

Portanto, as reproduções na TV contribuem para a propagação do que é ser homem ou mulher. Nesse caso, o sexo ainda é codificado através do órgão genital, ao mesmo tempo que gênero ainda é sinônimo de identidade e, muitas vezes, associado exclusivamente à mulher. Conseqüentemente, a noção de mulher ainda é representada por uma imagem universal excludente, como visto nos exemplos trazidos neste trabalho.

Conclusão

Neste trabalho refletimos sobre as categorias sexo, gênero e mulher por meio de diferentes produtos televisivos com o objetivo de aproximar o conhecimento adquirido em aula ao conteúdo que pesquisamos na tese em andamento. Por meio dos estudos do imaginário, vimos que os corpos são reproduzidos com base na construção universal do masculino e do feminino, mesmo quando se planeja tensionar este propósito, como foi o caso da personagem Luana, de Terra e Paixão, em que ela é colocada dentro de um sistema binário homem/mulher, em busca da passabilidade. Esse processo contribui, como nos explica Butler (2021), na consolidação da heterossexualidade compulsória.

Vimos também que a linguagem, frequentemente, reforça uma visão de mundo patriarcal, onde termos e conceitos são estruturados para favorecer o homem e marginalizar a mulher. No telejornal, por exemplo, há um certo deslocamento do feminino, uma vez que determinados produtos sugerem um padrão institucional de corpo, hierarquizando o corpo generificado. Verificamos, ainda, que há um branqueamento da informação, uma vez que os corpos presentes no JN são, em sua maioria, brancos. O fortalecimento da categoria sexo acontece ao mesmo tempo que gênero é associado à reprodução do masculino e do feminino. Identificamos esse processo simbólico nos três principais produtos do fluxo televisivo. Até mesmo quando há um corpo transgênero –

Compreendemos a necessidade da descristalização destes imaginários excludentes dinamizados diariamente pela mídia. Entendemos também que a TV

desenvolve uma função social, cujo papel consiste no desenvolvimento da cidadania. Ela deve propor discussões acerca das problemáticas sociais e fomentar reflexões em defesa de uma sociedade mais justa e igualitária, distribuindo conteúdo interseccionais que discutam temas que incluem a raça, os gêneros e as diversidades.

A subordinação das mulheres dentro do sistema patriarcal é muitas vezes justificada por ideologias que perpetuam a superioridade masculina e a inferioridade feminina.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Casal nacional**: significações do corpo e do figurino no telejornalismo. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação midiática: práticas sociais e produção de sentido) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16399?mode=full>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feminista**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 979-985, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/9ZGKYRnVx8rmgZDYs6NBrVv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 out. 2023.

BEAUVOIR, Simone. [1949] **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRIEDAN, Betty. **Mítica feminina**: o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

KAAS, Hailey. Similaridades e divergências entre as correntes Feminista Tradicional/Mainstream e o Transfeminismo. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir. **Desfazendo Gênero: Subjetividade, Cidadania, Transfeminismo**. Natal: EDUFRN, 2015.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside vídeo: novos horizontes e descobertas**. 2022. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/inside-video-2022/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo Cotidiano**. São Paulo: Cobogó, 2019.

LOPES, Maria Immacolata V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, v. 26, ano IX, jan/abr, 2003.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n.1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Caderno Pagu**, Campinas, n.16, 2001, p. 115-136. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkL>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2019.